

**CASA FAMILIAR RURAL DE CORONEL VIVIDA - PR: O DESAFIO DA  
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E MONITORES EM  
PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA**

*Andreia Aparecida Detogni*

*Yolanda Zancanella*

**Resumo**

O trabalho apresenta resultados da pesquisa que objetivou compreender e analisar a formação continuada dos professores e monitores relacionada à pedagogia da alternância e como ela tem contribuído para a prática profissional. Foram sujeitos da pesquisa três professores cedidos pela Secretaria do Estado de Educação (SEED) e três monitores de nível superior, subsidiados pela Arcafar / Sul. Para a coleta de dados utilizamos um questionário com perguntas abertas e fechadas. O processo de análise partiu das questões evidenciadas pelos professores e monitores, buscando conhecer quais cursos de formação continuada sobre a pedagogia da alternância que eles têm participado e como isso tem influenciado em sua prática e como compreendem a pedagogia da alternância. A pesquisa bibliográfica fundamentou as reflexões sobre formação de professores e a pedagogia da alternância, com o aporte teórico de autores como Borges (2012), Caldart (2013), Ribeiro (2013) e Manacorda 2007. O trabalho desvelou no contexto investigado que professores e monitores não tiveram em sua formação superior momentos que contemplassem a pedagogia da alternância, que a formação continuada oferecida para ambos os grupos é insuficiente, por vezes insatisfatória ou mesmo inexistente.

**Palavras-Chaves:** Pedagogia da Alternância, Casa Familiar Rural, Formação de Professores e Monitores.

**A formação de professores na Pedagogia da Alternância**

A Pedagogia da Alternância teve seu início na França no ano de 1935 com a criação da primeira *Maison Familiale Rurale* (MFR) com o intuito de atender as famílias moradoras do campo, especificamente os jovens do sexo masculino, considerando que a educação oferecida até então para essa população não atendia as suas necessidades, tendo seus filhos que sair de casa para continuarem seus estudos, ou abandonarem a escola, permanecendo na propriedade da família, auxiliando na execução do trabalho.

No Brasil a alternância foi introduzida a partir de 1969 com as primeiras Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) <sup>1</sup>no Espírito Santo, já as Casas Familiares Rurais (CFRs) iniciaram no nordeste do país, no ano de 1981 no Estado de Alagoas. No Paraná, em 1987 é implantada a primeira CFR do Estado no município de Barracão (BORGES. et all, 2012).

A alternância é uma pedagogia que se constrói permanentemente nos CEFFAs<sup>2</sup>, que buscam a prática de uma alternância integrativa, interativa:

A alternância integrativa pressupõe uma abordagem multidimensional e complexa. Nessa perspectiva, a alternância é definida como uma pedagogia de relações, ou seja, relações entre instituições, sujeitos, diálogo entre os diferentes saberes e a utilização de metodologias participativas nos processos de formação, numa perspectiva dialética ou dialógica. Uma pedagogia de relações entre instituições, porque no caso dos CEFFAs são três entidades que se juntam de forma organizada: a escola, a família e a comunidade com suas organizações representativas. Uma pedagogia de relações entre os diferentes saberes: populares, familiares, práticos, experienciais, teóricos, abstratos, conceituais, tradições religiosas... Uma pedagogia dialética valoriza a busca e a construção coletiva do conhecimento comprometido com a transformação da realidade. Uma pedagogia de relações entre sujeitos: estudantes, centro do projeto, suas famílias, comunidades e os educadores-monitores. (BORGES. et all, 2012, p. 39-40).

A pedagogia por alternância não acontece apenas na interação entre teoria e prática, são diversas as alternâncias que acontecem entre as instituições envolvidas, os sujeitos e os conhecimentos, superando a compreensão de uma pedagogia que se resume a alternar o tempo na propriedade familiar e o tempo na Casa Familiar Rural. Por proporcionar essa troca mútua por meio de relações complexas, modifica e revoluciona os espaços e tempos educativos.

É considerável empreender uma reflexão sobre a formação despendida aos professores que atuam nessa realidade. Uma vez que acreditamos que o ser humano passa a fazer parte da intencionalidade de sua formação, cabe aqui considerar quais intencionalidades constituem a prática dos professores que atuam na pedagogia da alternância. Assim destaca Caldart (2012, p. 127-128):

Ter intencionalidades em um processo de formação é já uma primeira intencionalidade e aquela que não pode deixar de ser aprendida por quem está sendo

---

<sup>1</sup> O sistema pedagógico adotado por EFAs e CFRs, apresenta diferenças e semelhanças. As Casas Familiares Rurais surgiram na França, em 1935, e trabalham com a Pedagogia da Alternância. Em contrapartida as Escolas Famílias Agrícolas consistem numa adaptação da metodologia francesa, utilizada na Itália, que também trabalha com a Pedagogia da Alternância. A CFR procura desenvolver e direcionar a sua formação mais para o trabalho agrícola, não se distanciando de sua proposta inicial de trabalhar e preparar os filhos de trabalhadores rurais para a permanência no campo, porém não deixa de atender suas necessidades quanto à formação escolar. Já a EFA surgiu em outro contexto e direciona sua prática educativa para a formação escolar, sem deixar de praticar o trabalho agrícola, porém, dando menos ênfase à mesma, o que atende a uma formação mais escolar que agrícola (CHAVES e FOSCHIERA, 2014).

<sup>2</sup> Centro Educativo Familiar de Formação em Alternância. Nomenclatura criada no Brasil no ano de 2001 e representa as diversas experiências que adotam o sistema pedagógico da alternância, tais como as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), Casas Familiares Rurais (CFRs), Escolas Comunitárias Rurais (ECORs).

preparado para a condução de processos educativos. Considerar que a educação das pessoas é um processo quer dizer que ela acontece em um movimento dialético que envolve tempos, transformações, contradições, historicidade a ser compreendida e trabalhada. Considerar que é um processo intencional quer dizer que há um trabalho pedagógico planejado, feito no propósito das transformações e dos traços humanos que elas vão desenhando. E, mais amplamente, que há como pensar e agir para tornar mais plena a formação humana.

Quando Borges (2012) refere-se à pedagogia da alternância integrativa é também no sentido de consciência da necessidade da intencionalidade, uma vez que a mesma pressupõe uma abordagem multidimensional e complexa, é imprescindível considerar esse movimento que envolve historicidade, tempos e espaços, contradições e mudanças. As discussões de Caldart nos remete também a Braga (2008) que discorre sobre a necessidade de os professores terem consciência de qual realidade necessitam transformar, a quem pretendem ensinar e o que desejam transmitir. A intencionalidade não acontecerá sem a consciência da necessidade do conhecer para transformar.

Nesse sentido é necessária uma formação para os professores relacionada a pedagogia da alternância que a torne possibilidade de uma formação integrativa, consciente, e libertadora, uma vez que “a pedagogia da alternância tem o trabalho como princípio educativo de uma formação humana integral, que articula dialeticamente o trabalho produtivo ao ensino formal” (RIBEIRO, 2013, p. 293).

A formação de professores que esteja dissociada da realidade do campo compromete a ruptura de paradigmas tradicionalistas, correndo o risco de termos uma prática reprodutivista a serviço de uma classe elitista, contribuindo para a separação dos saberes e dos sujeitos do campo, comprometendo deste modo a sua formação humana integral. Assim apontam Santos e Bueno (2013, p. 127):

Como transformar a prática pedagógica do professor, para que ele possa, de fato, exercer a mediação no processo de construção coletiva dos saberes vivenciados pelos estudantes do campo? (...) A Pedagogia da Alternância, com seus instrumentos específicos, exige, de educadores e educandos, valores que rompam com tradicionalismos e conservadorismos, possibilitando que tais sujeitos se envolvam criticamente com a produção do conhecimento. Acreditamos que as práticas da alternância e, nela, a formação do professor, podem resultar em mudanças de paradigmas na educação do campo.

Deste modo, como poderá o professor na sua prática por meio da pedagogia da alternância considerar os aspectos históricos, culturais e sociais do campo, suas especificidades, histórias e memórias, suas lutas, recuos e avanços, se a graduação da qual participou não abordou essas discussões?

Nesse aspecto, trazemos a contribuição de Ribeiro (2013, p. 292):

Portanto, a pedagogia da alternância, em tese, articula prática e teoria em uma práxis. Esse método, em que se alternam situações de aprendizagem escolar com situações de trabalho produtivo, exige uma formação específica para os professores, que as licenciaturas, de modo geral, não oferecem. Sindicatos, associações, organizações sociais que adotam a pedagogia da alternância optam pela contratação de monitores, que, de modo geral, são agrônomos ou técnicos agrícolas. Os licenciados que escolhem trabalhar com a pedagogia da alternância fazem cursos oferecidos por aquelas entidades e/ou organizações.

É necessário, também, o entendimento das políticas públicas que envolvem a educação do campo<sup>3</sup>, e dos motivos que fazem ou fizeram com que esta prática fosse adotada pelas Casas Familiares Rurais e Escolas Famílias Agrícolas. Se de um lado a pedagogia da alternância preocupa-se por oferecer as famílias do campo uma formação que contemple suas demandas históricas, por outro lado existe o risco de que a mesma contribua, ainda que de modo inconsciente com uma espécie de disfarce do Estado, diante da sua incapacidade de oferecer aos moradores do campo uma formação condizente com as suas necessidades específicas, delegando então, à pedagogia da alternância e aos professores uma responsabilidade que prioritariamente seria do Estado (RIBEIRO, 2013).

### **O Desafio da formação continuada em Pedagogia da Alternância do professor/monitor na Casa Familiar Rural de Coronel Vivida – PR**

A Casa Familiar Rural de Coronel Vivida localizada no Bairro Flor da Serra, na Rodovia PR 562, estrada que liga os municípios de Coronel Vivida e Honório Serpa, de acordo com seu Plano de Implantação, foi inaugurada em 29 de março de 1994, iniciando suas atividades no dia 25 de julho de 1995, oferecendo o curso de primeiro grau supletivo – Função Qualificação em Agricultura, tendo em sua primeira turma o total de 25 jovens alternantes. Já de acordo com o seu Regimento Escolar de agosto de 1997, o início das atividades aconteceu em 05 de setembro de 1994.

O curso tinha a duração de três anos e atendia também alunos dos municípios de Honório Serpa, Itapejara D'Oeste e São João. (Plano de Implantação/Curso primeiro Grau Supletivo Função Qualificação em Agricultura no. 2.843.062-0. NRE PBC – Sistema integrado de documentos). O prédio que pertence à prefeitura municipal possui 498 m<sup>2</sup> de

---

<sup>3</sup> A Educação do Campo considera as individualidades de cada um dos sujeitos que vivem no campo. Visa articular e promover um projeto de desenvolvimento local e sustentável de âmbito político e econômico que tenha como base os interesses de todos que ali vivem. Para saber mais ver entre outros: CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do movimento sem terra**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

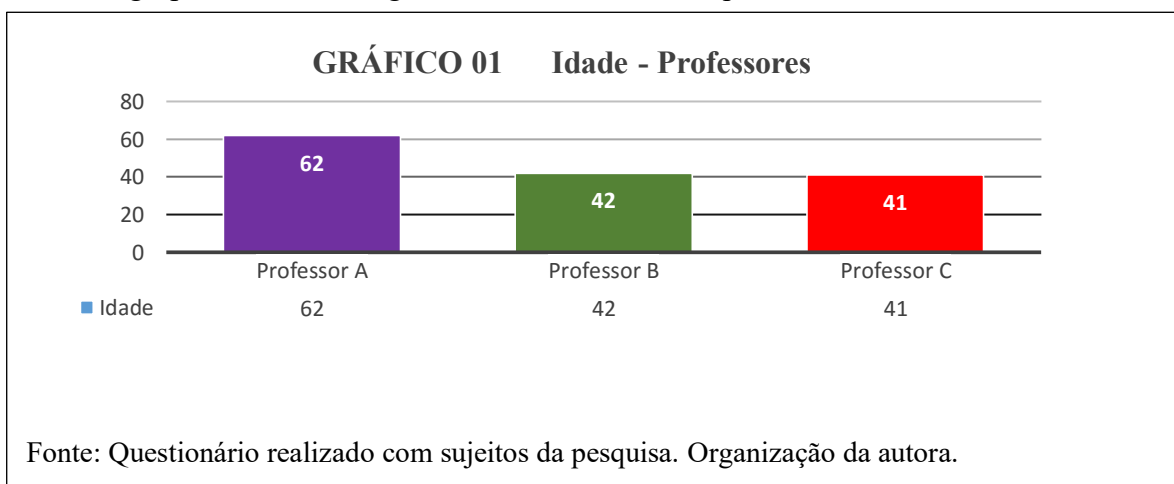
área construída e se encontra em bom estado de conservação, contando com duas salas de aula, sala da direção, sala dos professores, cozinha e refeitório, três quartos grandes com banheiros, depósito, e demais dependências. Funciona no regime da alternância semanal, onde os jovens permanecem uma semana na propriedade familiar e uma semana na Casa Familiar Rural.

Em 2015 a Casa atendia três turmas: uma primeira série com 19 alunos matriculados, uma segunda série com 12 alunos e uma terceira série com 17 alunos, totalizando 48 jovens frequentando o Curso de Técnico em Alimentos. Também para este período, a Casa contava com quatro professores vinculados e cedidos pela Secretaria Estadual de Educação; três monitores de nível superior vinculados e cedidos pela Arcafar (Associação Regional das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil); um técnico (serviços gerais) também cedido pela Arcafar, e um coordenador, cedido pela prefeitura municipal.

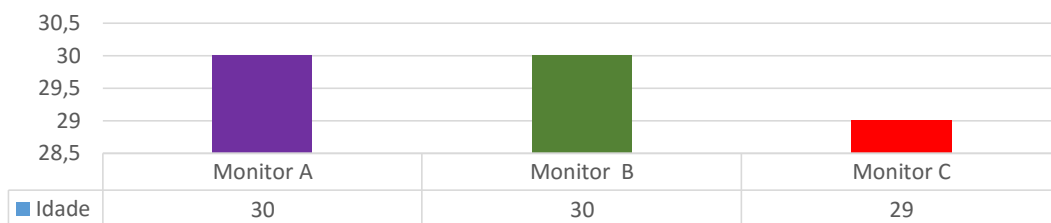
Pretendemos buscar com este trabalho o entendimento sobre as formações inicial e continuada dos professores e monitores que atuam na Casa Familiar Rural de Coronel Vivida, relacionados à pedagogia da alternância e de como isso é trabalhado na sua prática na Casa Familiar Rural do município. Elaboramos um questionário com doze questões abertas e fechadas. Dos quatro professores cedidos pela Secretaria do Estado de Educação três participaram da pesquisa, um não estava presente na CFR no dia da entrevista.

Os professores possuem graduações em: História, Letras – Habilitação Português/Inglês e respectivas literaturas e Ciências – Habilitação em Matemática. Os monitores são um total de três, todos participaram da pesquisa e possuem as seguintes graduações: Nutrição, Tecnologia em Controle de Processos Químicos e Administração. Aos profissionais cedidos pela SEED (Secretaria do Estado de Educação) denominaremos de professores, e aos técnicos cedidos pela Arcafar, de monitores, com o intuito de dar clareza da exposição dos resultados.

A questão de número um refere-se à idade e sexo dos profissionais. As respostas de ambos os grupos resultou nos gráficos de número um a quatro, abaixo:



## GRÁFICO 02 Idade - Monitores



Fonte: Questionário realizado com sujeitos da pesquisa. Organização da autora.

## GRÁFICO 03 Sexo - Professores



Fonte: Questionário realizado com sujeitos da pesquisa. Organização da autora.

## GRÁFICO 04 Sexo - Monitores

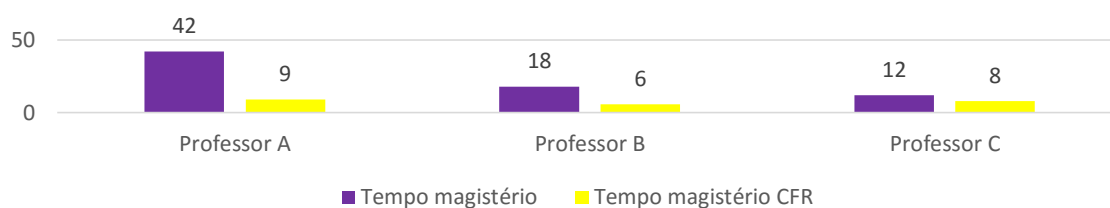


Fonte: Questionário realizado com sujeitos da pesquisa. Organização da autora.

Podemos verificar através dos gráficos que a referência de idade é maior no grupo de professores, sendo que no grupo dos monitores percebemos uma média de 30 anos de idade. Quanto ao sexo, há igualdade, sendo dois professores e monitores do sexo feminino, e um professor e monitor do sexo masculino.

As questões de número dois e três estão relacionadas ao tempo de atuação no magistério e o tempo de atuação como professores na Casa Familiar Rural. Temos os gráficos de número cinco e seis, para essas questões:

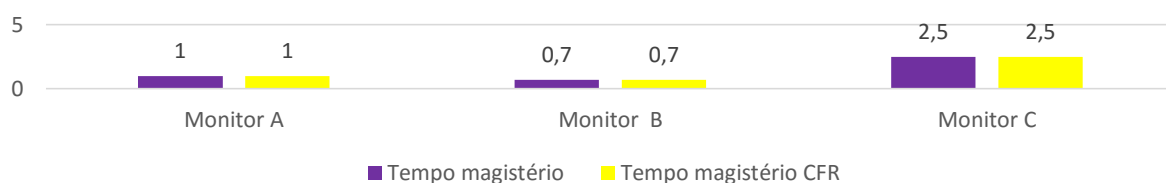
**GRÁFICO 05 Tempo de atuação dos professores em anos no magistério e tempo de atuação em anos no magistério na Casa Familiar Rural**



Fonte: Questionário realizado com sujeitos da pesquisa. Organização da autora.

No grupo dos professores se observa uma experiência significativa quanto ao tempo de atuação no magistério, inclusive na Casa Familiar Rural, sendo que o menor tempo de experiência na Casa é de seis anos, e o maior, de nove anos. Considerando que a mesma está aproximadamente em seu vigésimo primeiro ano de funcionamento é realmente um tempo considerável destes docentes na Casa. Percebe-se a partir disso, a possibilidade de uma continuidade no trabalho dos mesmos e a oportunidade do uso da experiência que possuem para o enriquecimento da prática de ensino com a pedagogia da alternância.

**GRÁFICO 06 Tempo de atuação dos monitores em anos no magistério e tempo de atuação em anos no magistério na Casa Familiar Rural**



Fonte: Questionário realizado com sujeitos da pesquisa. Organização da autora.

No grupo dos monitores percebemos um tempo de magistério significativamente pequeno. Enquanto que no gráfico de número cinco temos um docente com mais de quarenta anos de experiência no magistério e outros dois com dezoito e doze anos, temos no grupo de monitores como tempo de magistério dois anos e meio, um ano, e oito meses, de acordo com resposta em questionário. Outra observação importante é a de que esses monitores não tiveram experiências anteriores no magistério. O gráfico de número seis nos sugere uma rotatividade significativa desses profissionais se levarmos em conta que dos monitores que atualmente estão na Casa, dois anos e meio é o tempo maior.

A questão quatro está relacionada à qual ou quais disciplinas os dois grupos trabalham na Casa Familiar Rural. As respostas estão disponíveis nas tabelas um e dois:

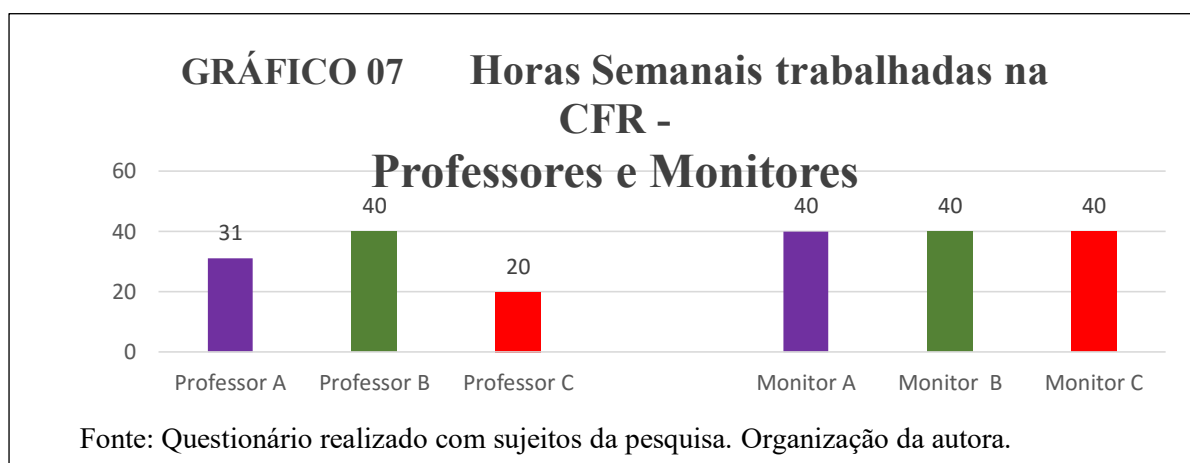
TABELA 01 Disciplinas que trabalha na Casa Familiar Rural (Professores)		
<i>Professor A</i>	<i>Professor B</i>	<i>Professor C</i>
Filosofia	Matemática	Língua Portuguesa e Literatura
Geografia	Física	Arte
História	Biologia	Inglês
Sociologia	Química	

Fonte: Questionário realizado com sujeitos da pesquisa. Organização da autora.

TABELA 02 Disciplinas que trabalha na Casa Familiar Rural (Monitores)		
<i>Monitor A</i>	<i>Monitor B</i>	<i>Monitor C</i>
Nutrição e Dietética	Estágio	Microbiologia
Bioquímica	Práticas de Higiene	Tecnologia de Alimentos
Análise dos Alimentos	Legislação	

Fonte: Questionário realizado com sujeitos da pesquisa. Organização da autora.

A questão cinco é sobre o número de horas que professores e monitores trabalham na Casa Familiar Rural. O gráfico sete nos indica as respostas:



No gráfico sete, percebemos que os três monitores trabalham quarenta horas semanais na Casa, enquanto entre os professores, apenas o professor B trabalha esse número de horas, o professor A trinta e uma horas e o professor C vinte horas.

A questão sete buscou identificar se em algum momento da graduação dos dois grupos foi contemplada a pedagogia da alternância, todos afirmaram que não. As respostas nos fazem refletir sobre quais as prioridades dos cursos de graduação existentes, e sobre como é pensada a educação para as famílias do campo.



A questão de número oito buscou compreender dos dois grupos em que local eles costumam desenvolver as suas horas atividades. Os seis participantes responderam desenvolvê-las na própria Casa Familiar.

Na sequência, a questão nove é sobre quais cursos de formação continuada professores e monitores têm participado atualmente e nos últimos anos, especificamente na Secretaria Estadual de Educação (SEED), Arcafar / Sul (Associação Regional das Casas Familiares Rurais do Sul), Prefeitura Municipal do município e outras instituições. As respostas resultaram nas tabelas três e quatro:

TABELA 03 Cursos de formação continuada que tem participado (Professores)				
	SEED	Arcafar/Sul	Prefeitura	Outros
<i>Professor A</i>	Semana Pedagógica Formação em Ação Cursos sobre a P.A	_____	_____	_____
<i>Professor B</i>	Semana Pedagógica Formação em Ação	_____	_____	_____
<i>Professor C</i>	Semana Pedagógica Pacto do En. Médio	_____	_____	_____

Fonte: Questionário realizado com sujeitos da pesquisa. Organização da autora.

Observamos na tabela três, que nenhum dos professores afirmou ter participado de cursos oferecidos pela Arcafar / Sul, prefeitura ou outras instituições. O professor A em sua resposta afirmou participar da Semana Pedagógica, Formação em Ação e cursos sobre a pedagogia da alternância, ambos vinculados a SEED. O professor B tem participado pela SEED dos cursos de Semana Pedagógica e Formação em Ação, nas demais instituições afirmou não ter participado de curso algum, e no tocante a Arcafar / Sul, em sua resposta esclareceu “nunca participei em nenhum curso, pois não existiu oferta, desde que comecei a trabalhar na CFR, para os professores da rede” (Professor B). Este professor está a seis anos trabalhando na Casa Familiar; é preocupante observar que neste período instituições como a Arcafar e a própria SEED não tem ofertado formação para esses professores.

O professor A, que afirmou ter participado de cursos sobre a pedagogia da alternância ofertados pela Secretaria de Educação do Estado, está veiculado a Casa Familiar Rural há nove anos, supostamente esses cursos tenham acontecido a mais de seis anos, período em que os professores B e C ainda não atuavam na Casa.

TABELA 04 Cursos de formação continuada que tem participado (Monitores)				
	SEED	Arcafar/Sul	Prefeitura	Outros
<i>Monitor A</i>	_____	_____	_____	_____
<i>Monitor B</i>	_____	_____	_____	_____
<i>Monitor C</i>	_____	Curso de aperfeiçoamento para novos Monitores	_____	Especialização em Metodologia do Ensino em Biologia e Química (UNINTER)

Fonte: Questionário realizado com sujeitos da pesquisa. Organização da autora.

A tabela de número quatro contém as respostas dos monitores em relação à questão nove. Percebemos que os monitores A e B, que estão na Casa Familiar Rural, respectivamente a um ano e a oito meses, não participaram de nenhum curso de formação. O monitor C afirma ter participado de um curso oferecido pela Arcafar / Sul sobre aperfeiçoamento de novos monitores, e ter feito uma especialização a distância sobre Metodologia do Ensino em Biologia e Química pela UNINTER (Centro Universitário Internacional). Sendo que o monitor C está na Casa Familiar a dois anos e meio, as respostas nos levam a interpretar que pelo menos a um ano e meio não são oferecidos cursos de formação continuada aos monitores, tendo em vista o tempo de serviço de cada um dos três. Também vale salientar que a especialização feita pelo monitor C não contempla em sua grade formativa a pedagogia da alternância.

Assim como os professores, os monitores não tiveram em sua formação referências a pedagogia da alternância. Dos três, um teve uma formação voltada à prática na Casa Familiar Rural, os outros dois, não.

A questão dez busca saber se as formações continuadas que os dois grupos tem (ou não) participado, tem contribuído em sua prática na Casa Familiar Rural. As alternativas foram “Otimamente”, “Satisfatoriamente”, “Insatisfatoriamente” e “Outros”, para todas as alternativas tendo de justificar a opção escolhida. O professor A escolheu a opção “Satisfatoriamente”, e como justificativa escreveu que “não atende diretamente ao que demanda o projeto” (Professor A). O professor B escolheu a alternativa “Insatisfatoriamente”, justificando que “não é específico para a CFR” (Professor B). O professor C escolheu a alternativa “Outros”, e como justificativa expôs:

As formações continuadas às quais participei foram muito importante para o meu aprendizado, mas estas ocorreram logo no início da escolarização na CFR (Casa Familiar Rural) em nosso município, isso em 2007 e 2008.

O último encontro o qual participei foi em 2013, o mesmo realizado em Foz do Iguaçu, mas não abordou muita coisa sobre a Pedagogia da Alternância vinculado a Casa Familiar Rural, este evento voltou mais para os Colégios Agrícolas. E agora a maior dificuldade que estamos tendo é que foi nos passado o corte de 20 h, os quais nos davam amparo para que fôssemos as propriedades dos alunos e fizéssemos “parte” das visitas técnicas, amparando e desenvolvendo o aprendizado. (Professor C, Coronel Vivida, 16 de setembro de 2015).

O professor C em sua justificativa aponta para a dificuldade no desenvolvimento do trabalho, e também a preocupação com a impossibilidade de não poderem acompanhar devidamente os jovens alternantes nas propriedades familiares. O corte a que se refere o professor C é a notificação por parte do governo do Estado do Paraná, que alerta para o possível fechamento das Casas Familiares Rurais. Anterior a isso, os professores tinham a possibilidade de trabalhar quarenta horas semanais na Casa, disponibilizando de maior tempo para o desenvolvimento das horas atividades.

Os três professores demonstraram insatisfação com os cursos de formação continuada. Seja por não tratar especificamente de questões relacionadas à pedagogia da alternância, por acontecerem esporadicamente com um grande espaço de tempo entre uma formação e outra, ou por ofertar cursos que não tratam exatamente da alternância.

Quanto às respostas dos monitores para a questão dez, os monitores A e B escolheram a alternativa “Outros”, e as justificativas foram “Não participei de nenhum” (Monitor A), e “Com profissionais que já trabalham, com a Pedagogia” (Monitor B). O monitor C optou por “Satisfatoriamente” e respondeu “Conhecimento básico sobre o funcionamento das casas e sobre como é a pedagogia da Alternância”. Os monitores A e B, que não haviam participado de nenhum curso de formação continuada até a data da entrevista (ver tabela 04, referente à questão nove), deixaram clara a insatisfação em relação aos cursos de formação continuada ofertados, mesmo porque não tiveram participação em nenhum.

O monitor B demonstrou buscar informações com os outros profissionais que já trabalham com a pedagogia da alternância, diante dos desafios que surgem cotidianamente na Casa Familiar Rural.

O monitor C que está há dois anos e meio na Casa escolheu a opção “Satisfatoriamente” e justificou do seguinte modo, “Conhecimento básico sobre o funcionamento das casas e sobre como é a pedagogia da alternância” (Monitor C). Em sua resposta não temos a quantidade de horas do curso.

Na questão onze, perguntamos aos dois grupos qual o conceito que eles possuem sobre pedagogia da alternância. As respostas dos professores seguem abaixo:

É a formação integral do jovem; a relação intensificada família / escola / propriedade.

Na Pedagogia da Alternância o jovem tem a práxis – com teoria e prática (Professor A, Coronel Vívda, 16 de setembro de 2015).

O professor A enfatiza a questão da formação integral do jovem alternante, a relação que a alternância propicia entre a família, a escola e a propriedade familiar, também ressalta a práxis propiciada por esta prática.

O ensino da alternância deve superar uma lógica de ensino que induz a classe trabalhadora para uma formação alienante. “É a partir da práxis política dos sujeitos do campo que se alcançará a superação da sua realidade às quais os camponeses<sup>4</sup> são submetidos historicamente” (JÚNIOR e MOURÃO, 2012, p. 193):

Oportunidade para o jovem do campo obter qualificação profissional sem o afastamento da sua realidade do campo (trabalho) e da família. Leva à propriedade e à família qualificação profissional de maneira imediata (Professor B, Coronel Vívda, 16 de setembro de 2015).

O professor B descreve a pedagogia da alternância como sendo um caminho para que o jovem alternante se qualifique profissionalmente sem precisar afastar-se do campo e da sua família. Enfatiza a importância da qualificação profissional oferecida ao jovem. No entanto, a formação técnica não é suficiente para caracterizar a pedagogia da alternância. Para uma proposta de trabalho que visa formar integralmente e coletivamente os sujeitos, enfatizar a qualificação profissional é perigosamente arriscar desvincular a pedagogia da alternância da complexidade que a constitui, formando para um trabalho e não para o trabalho<sup>5</sup>.

A pedagogia da alternância pode tornar-se uma proposta de intencionalidade consciente de integração coletiva, mas para isso precisamos entendê-la amplamente.

É um ensino diferenciado o qual contribui muito no aprendizado do aluno, pois permite o aprimoramento e o desenvolvimento do conhecimento adquirido na sua formação integral, tornando-o um cidadão crítico do seu saber (Professor C, Coronel Vívda, 16 de setembro de 2015).

---

<sup>4</sup> De modo abreviado podemos dizer que camponeses são aqueles que têm uma produção baseada na unidade familiar. Ver: Dicionário do pensamento Marxista, 2001, p. 42-43. De acordo com Ribeiro (2013), o camponês ao utilizar a força de trabalho sua e de sua família, percebe esse excedente (aquilo que resta após atender suas necessidades) como uma retribuição ao seu próprio trabalho e não como um lucro.

<sup>5</sup> “(...) essa participação real do trabalho como processo educativo para as transformações sociais será tanto mais eficaz quanto menos for um mero recurso didático; deve ser antes, uma inserção real no processo produtivo social, vínculo entre estruturas educativas e estruturas produtivas, o que nem chega a significar necessariamente vínculo escola-fábrica, dado que os dois termos não são igualmente coessenciais à sociedade moderna, representando antes a escola um resíduo de organizações sociais precedentes; mas, certamente, significa vínculo ensino-produção”. (MANACORDA, 2007, p. 67).

O professor C traz um elemento novo a sua resposta, a criticidade do alternante frente ao conhecimento. Para que tenhamos jovens alternantes críticos, são necessários professores críticos e conhecedores dessa prática que visa transformar, oferecendo condições para que os sujeitos desse processo tenham uma educação que contemple suas necessidades concretas, proporcionando sua autonomia e tomada de decisões.

Para a questão onze, as respostas dos monitores estão elencadas a seguir:

É um projeto para a finalidade de um curso técnico em Alimentos, para orientação, qualificação profissional e formação Geral de pessoas Adultas responsáveis (Monitor A, Coronel Vivida, 17 de setembro de 2015).

É importante Pois a uma maior interação familiar (Monitor B, Coronel Vivida, 17 de setembro de 2015).

Que é uma metodologia de ensino muito boa, que deveria ser bem mais difundida (Monitor C, Coronel Vivida, 17 de setembro de 2015).

As respostas dos três monitores sugerem visões superficiais da pedagogia da alternância, como sendo um esboço traçado rapidamente sobre a prática que eles próprios conduzem. Resumir a pedagogia da alternância a oferta de um curso técnico, a formação de adultos responsáveis, a uma maior interação familiar, e como sendo uma metodologia muito boa, sem maiores explicações é, de certo modo, esvaziá-la enquanto prática emancipatória. Algumas suposições para estas respostas apressadas podem ser a falta ou inexistência de cursos de formação continuada específicos e o tempo de experiência na pedagogia da alternância relativamente baixo.

Alienar-se ao trabalho é expropriar o ser humano daquilo que ele produziu. Professores e monitores também estão sujeitos a esta expropriação e alienação. Nesse sentido o educador aliena-se “na medida em que não se reconhece diante do próprio trabalho, quando se torna estranho à atividade que desenvolve” (SOUZA e MENDES, 2012, p. 255).

A última questão, de número doze, refere-se a como os professores e monitores trabalham a pedagogia da alternância na sua prática docente na Casa Familiar Rural. As respostas dos professores estão na sequência:

É bom que se diga que neste ano de 2015, perdeu-se a identidade da Pedagogia da Alternância por conta da política de nosso governador, o que, descaracterizou o meu trabalho pedagógico com o uso das ferramentas que sustentam a aplicação da Pedagogia da Alternância. Nesse governo, não houve nenhuma formação para os docentes da CFR. Temos alguns impasses internos que colaborou ainda mais para a desestruturação deste grande Projeto. Mas, assim mesmo procuro formar cidadãos emancipados e preparados, com capacidade técnica / pedagógica, orientando-os para o futuro. O acompanhamento direto do aluno e as visitas às famílias personalizam a prática da P.A. (Professor A, Coronel Vivida, 16 de setembro de 2015).

Em sua resposta, o professor A aponta dois elementos que tem influenciado diretamente no desenvolvimento de seu trabalho na Casa Familiar Rural, a atual política de governo e impasses internos. Aponta a falta de oferta de cursos de formação continuada por parte do atual governo, resultando na descaracterização da pedagogia da alternância, ocasionando a desestruturação do trabalho pedagógico, por conta também de conflitos internos da Casa Familiar – conflitos não especificados pelo professor.

Relacionado a isso temos a resposta à questão de número dez, do professor C, que cita a inviabilidade das visitas às famílias por parte dos professores, e de como elas são necessárias para amparar e desenvolver o aprendizado do jovem alternante.

A minha prática docente não fica restrita ao trabalho dos conteúdos específicos das disciplinas, o envolvimento é com todas as ferramentas da pedagogia da Alternância e em todo o desenvolvimento do aluno, inclusive na propriedade (Professor B, 16 de setembro de 2015).

Através dos Planos de Estudo baseado em Alternâncias, nos temas elaborados e trabalhados juntamente com os alunos e a aplicabilidade do conteúdo específico dos encaminhamentos da Base Nacional Comum das disciplinas ministradas (Professor C, 16 de setembro de 2015).

O professor B evidencia em sua resposta, assim como o professor A, o envolvimento não apenas com suas disciplinas na Casa Familiar Rural, mas com outras etapas no processo da pedagogia da alternância. Também o professor C, em sua resposta a questão nove ressaltou a necessidade das visitas. Não se trata apenas de uma visita técnica, é a oportunidade de reconhecer o jovem alternante como o jovem filho, o jovem fora dos muros da Casa Familiar.

As respostas dos monitores sobre a questão doze foram:

Trabalho juntamente com os conteúdos dados e as aulas práticas conforme os Conteúdos em sala (Monitor A, Coronel Vivida, 17 de setembro de 2015).

Como trabalho com matérias específicas e com temas de Plano de Estudo são colocadas questões para que o aluno leve para casa para uma maior interação com a família (Monitor B, Coronel Vivida, 17 de setembro de 2015).

Trabalho juntamente com os conteúdos dados e aulas práticas relacionado ao tema gerado (Monitor C, Coronel Vivida 17 de setembro de 2015).

Identificam-se características semelhantes nas respostas dos Monitores A e C: Monitor A “trabalho juntamente com os conteúdos dados e as aulas práticas”, Monitor C “trabalho juntamente com os conteúdos dados e as aulas práticas”. O monitor B fez alusão às matérias específicas, e ao fato do jovem alternante levar questões para casa para maior interação familiar. As respostas dos monitores não demonstraram com clareza de que modo através dos conteúdos trabalhados em sala desenvolve-se ou provoca a pedagogia da alternância.

## Considerações

A pesquisa teve por objetivo realizar uma incursão sobre a importância da formação continuada de professores e monitores que trabalham com a pedagogia da alternância, na Casa Familiar Rural do município de Coronel Vivida – PR.

O estudo nos permite concluir que em suas graduações professores e monitores não tiveram momentos que contemplasse a pedagogia da alternância na grade curricular. Nota-se, também, o descontentamento de ambos os grupos em relação à formação contínua, e a falta de periodicidade da mesma.

Segundo Conceição (2010, p. 75-76):

Perder de vista a ausência do Estado na implementação de políticas de formação de educadores, a fim de atender as especificidades do campo é apenas um dos muitos aspectos a caracterizar a negligência do poder público para com a educação do campo, e traz como consequência, a impossibilidade de garantir o direito universal à educação dos sujeitos que vivem no e do campo. (...) Isto leva a afirmar que, a ausência de uma, necessariamente implica no insucesso da outra.

Não se pode eximir o Estado de sua responsabilidade na formação desses profissionais, e da necessidade de formações que contemplem diretamente os interesses dos sujeitos do campo, considerando as suas especificidades. De acordo com Ghedin (2012) as políticas públicas tem contribuído para que se mudem os discursos sobre a realidade que vivenciamos, e não para a efetiva transformação da realidade.

Evidenciou-se durante a pesquisa o esforço dos professores em compreender a pedagogia da alternância, sua preocupação com os jovens, e também a inquietação com a diminuição das visitas às famílias, onde os professores tinham a oportunidade de aproximar-se e compreender com maior profundidade a realidade desses alunos. Também se notou a insatisfação dos investigados por conta do não oferecimento de cursos contínuos, e também com as políticas governamentais atuais.

Em relação aos monitores percebeu-se também a ausência ou insuficiência de formação continuada, talvez, por conta do tempo relativamente curto de atuação na Casa Familiar Rural, uma acriticidade em relação aos compromissos de seu trabalho. Não podemos aqui, cometer o erro de acreditar que cabe somente a estes profissionais a busca pela compreensão de algo que ainda não possuem.

Concluimos que as formações continuadas ofertadas para estes profissionais são insuficientes, ficando por vezes a mercê de sua busca autônoma para um melhor preparo que



contribua para a sua prática pedagógica. Neste sentido, apenas um monitor afirmou ter feito uma especialização, e a mesma não contemplou a pedagogia da alternância.

Tornou-se também evidente uma rotatividade considerável de monitores na Casa Familiar Rural, sendo que dos três, o maior tempo de trabalho na Casa é de dois anos e meio. O que motiva a não permanência desses profissionais na Casa Familiar e em como isso reflete no desenvolvimento de sua prática são questões que surgiram no decorrer desta pesquisa.

Para atuar na pedagogia da alternância, compreender e dar conta das inúmeras e distintas tarefas, a formação inicial e continuada dos professores/monitores é condição primordial para qualificar o quadro docente.

Existe, portanto, a necessidade do comprometimento da formação continuada como possibilidade de desenvolvimento profissional desses sujeitos, do fundamental reconhecimento de seu trabalho, de proporcionar condições de permanência na sua prática educativa e, por último, retomar o seu protagonismo no processo educativo como parte integrante de um processo político mais amplo.

## Referências Bibliográficas

BORGES, Idelzuith Sousa. et all. A pedagogia da alternância praticada pelos CEFFAs. In: ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS Aracy Alves (orgs.). **Territórios educativos na educação do campo: Escola, comunidade e movimentos sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 259 p.

BRAGA, Denise Rodinski. **O conhecimento, a práxis e a formação humana na perspectiva sócio-histórica em sua relação com a educação e a formação de professores**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EDUCERE, 8. Curitiba: Champagnat, 2008, p. 4336-4337. Disponível In: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/403\\_446.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/403_446.pdf)>.

CALDART, Roseli Salete. Intencionalidade na formação de educadores do campo: reflexões desde a experiência do curso “Pedagogia da Terra da Via Campesina”. In: ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS Aracy Alves (orgs.). **Territórios educativos na educação do campo: Escola, comunidade e movimentos sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 259 p.

CHAVES, Kênia Matos da Silva; FOSCHIERA, Atamis Antonio. Práticas de Educação do Campo no Brasil: Escola Família Agrícola, Casa Familiar Rural e Escola Itinerante. Revista Pegada, vol. 15 n.2, dezembro/2014. P. 76-94. Disponível In: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/3192/2810>>. Acesso em 16 de setembro de 2015.

CONCEIÇÃO, Darinês de Lima. **A Formação Continuada de Professores para a Afirmação dos Direitos dos Povos do Campo à Educação: uma análise da experiência do Programa Saberes da Terra da Amazônia Paraense**. Belém: Universidade do Estado do Pará, 2010. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Curso de Pós – Graduação, UEPA.



GHEDIN, Evandro. Perspectivas sobre a identidade do educador do campo. In: GHEDIN, Evandro. **Educação do campo: epistemologia e práticas**. São Paulo: Cortez, 2012. 448 p.

JÚNIOR, Waldemar Moura Vilhena; MOURÃO, Arminda Rachel Botelho. Políticas públicas e os movimentos sociais por uma educação do campo. In: GHEDIN, Evandro. **Educação do campo: epistemologia e práticas**. São Paulo: Cortez, 2012. 448 p.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Alínea, 2007. 206 p.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês – trabalho e educação: Liberdade, autonomia, emancipação – princípios/fins da formação humana**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 456 p.

SANTOS, Ramofly Bicalho dos; BUENO, Marília Costa. **Educação do campo e pedagogia da alternância na formação do professor**. Revista de História da UNIABEU, Ano 3 Número 4, Janeiro / Julho de 2013. p. 125-141. Disponível In: <<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/reconcavo/article/view/1034>>. Acesso em 01 de setembro de 2015.

SOUZA, Adria Simone Duarte de; MENDES, Geancarla Coelho. O trabalho docente do educador do campo e a pedagogia da alternância: elementos para reflexão e discussão. In: GHEDIN, Evandro. **Educação do campo: epistemologia e práticas**. São Paulo: Cortez, 2012. 448 p.